

Bola Sete,
violão



Djalma Andrade, mais conhecido no Rio e no Continente como "Bola Sete", ganhou esse apelido por ter exatamente a mesma cor preta da bola 7 do sinuca. Nasceu no Rio, há uns 30 anos atrás; seu pai, um estivador, levava do Cais do Pôrto dinheiro suficiente para educar o menino. Bola fez todo o curso do "Ginásio São Jorge", de Todos os Santos e depois estudou música com o professor Paulo Silva (meu colega de turma na Faculdade de Direito do Rio, comenta aqui o repórter). Teoria e solfêjo, e um bocadinho de harmonia. Violão é que não estudou com ninguém, aprendeu sozinho mesmo; e hoje é o que se pode considerar tranquilamente um "virtuoso". Conhece e executa em casa muitas peças clássicas, especialmente espanholas, com o violão tradicional, mas foi com o violão elétrico em punho que ele invadiu nossas "boîtes" e estações de rádio.

Gosta de compor sua "peças para violão", de inventar seus chorinhos, mas não faz questão de divulgá-los. Sua grande admiração no mundo da música brasileira é Radamés Gnattali. Bola Sete no momento está em Santiago do Chile, mas não é a primeira vez que se aventura pelo estrangeiro. Desta vez sua turma é esta: piano, Edson Marinho; acordeon, Gaúcho; bateria, Ohana; contrabaixo, Gugu; pandeiro, Bicalho e cantora Teresinha Bittencourt. Ele no violão faz misérias, inventa coisas, dança, ginga, sapateia, toca nas costas, sorri e ri muito com seus belos dentes brancos. Está vindo de Lima, onde tocou no "grill" do Bolívar (o melhor hotel de lá), fez um programa para a Panair, na Rádio Sol e ainda apareceu em vários teatros e gravou uma porção de discos. O que acontece é que os peruanos andavam praticamente esquecidos da música brasileira; a última turma que aparecera lá fora a de Djalma Ferreira, em 1946. Nos quatro meses e meio de Lima, Bola Sete colocou o samba e o baião furiosamente na moda. No começo, quando sua orquestra tocava, o pessoal parava de dançar, todo mundo vinha para perto esecutar; depois um ou outro se arriscava e afinal todos caíram no samba, e o entusiasmo foi tão grande que Bola Sete chegou a ser carregado nos braços por fãs entusiasmados. Grande sucesso ele fez com "Muié Rendeira", o côco "Meu pião", "Quatro Paredes", "Saca-rôlha", "Maria Escandalosa", o baião "Comadre Sebastiana"; abafou quando gravou "Nuble gris", valsa peruana, em ritmo de samba. E certa noite houve um tremor de terra, o bateria saiu gritando e correndo, a cantora desmaiou e quanto a Bola Sete ele mesmo explica: "a terra tremia por fora, eu tremia também, por dentro". No Chile ele tomou conta da noite e o "Waldorf" está cheio desde que sua orquestra começou a funcionar. Seu programa da Rádio Minería a dos mais ouvidos do Chile, e no "Caupolican" ele ficou sendo o número principal. Os rapazes da orquestra mandaram buscar suas esposas, Bola Sete também, e aqui em Santiago eles ficarão até 30 de junho. Irão então para o Rio, provavelmente para o "Béguin" e depois, com certeza para o "Rex" de Madrid, porque um dos donos dessa casa viu seu conjunto em Lima. Espero que a Panair ou outra empresa inteligente aproveitem para levá-lo até Paris.

"Society"

Ibrahim Sued
fala sobre a
moda londrina...



A Marquise de Belmonte, usaria o "Guarda-Chuva"?

É um costume ou antes uma tendência em todo o mundo, o povo de cada país seguir ou imitar os seus governantes, das mais variadas maneiras. Se um mandatário fuma cachimbo, muitos homens do povo passam a fazê-lo. Se o ditador reparte o cabelo do lado contrário, ele também modifica o seu. Se Hitler copia de Chaplin seu famoso bigodinho, muitos outros, seus governados ou ainda apenas admiradores, como o Sr. Plínio Salgado, fazem o mesmo. Se Luís XIII entra em Paris de calças dobradas na bainha, todo o resto do mundo passa a imitá-lo e isso acontece até os nossos dias. Falando de moda feminina, o fenómeno também se repete. É o caso da princesa Margaret. Esta mesma inglesa herdeira presuntiva da Coroa Real, que vem escandalizando os ortodoxos mandamentos de conduta de uma princesa, com uma série de intempéstivas vontades, que mesmo o seu elevado conceito do dever não consegue refrear.

Margaret é mesmo uma mocinha de personalidade. Fuma de piteira em presença do povo, o que evidentemente não fica bem mesmo para quem não é princesa. Comparece e dança em "night-clubs", acompanhada de seus amiguinhos nobres. Mantém um romance, já perfeitamente do conhecimento de todos, com um homem desquitado (condenável em seu país) e agora usa umas ridículas saias "guarda-chuva", em que sinceramente não vejo nenhuma demonstração de bom-gosto (não fossem as inglesas famosas por se vestirem sem elegância). As últimas fotografias da princesa que nos vêm, em recepções oficiais ou não, mostram-na com as "guarda-chuva", que também passaram a ser usadas pelas demais môças do povo.



Qual será a opinião da sra. Ricardo Jaffet sobre o "Guarda-Chuva"? Vou perguntar-lhe, depois eu conto...

Assim na Inglaterra, hoje mais do que em qualquer época, os membros da família real estão ditando moda. E tudo parece ter começado, com as viagens da princesa Margaret pelas Caraíbas. A mudança do clima geralmente frio, para o calor dos trópicos, fez com que a irmã da rainha Elizabeth demonstrasse preferência pelos vestidos de saia ampla. Um deles de tafetá verde, apresentava uma ampla saia em panos, com bolsos embutidos à altura das cadeiras, e um grande decote em "V".

Isto foi o bastante. Enquanto em toda a França prevalecem os estilos de Christian Dior, o famoso lançador da linha "H" e recentemente da linha "A" e do memorável Jacques Fath e enquanto, na Itália, Fontana é considerado a maior autoridade, as jovens inglesas atendem apenas para os gostos, as inovações e as preferências da jovem princesa. Brenner, Susan Small e o próprio Hartnell, costureiro da Côte, foram esquecidos durante algum tempo. Crescem os adeptos da nova moda.

Outra revolução, a princesa trouxe para o tradicional equilíbrio britânico nas côres. Hoje as côres variam, desde as mais vivas até as mais apagadas. Pessoas do nosso "society" chegadas de Londres, informaram-me que Londres está sendo invadida pelos vestidos estampados em côres variadíssimas. E sobre os tecidos por mais difícil de acreditar que seja, os algodões, os tafetás os failles e os linhos, estão dominando na primavera da Ilha.

A princesa Margaret, também foi o ponto de partida para a visão mais realista das indústrias têxtil britânica. Agora são fabricados quase todos os tipos de tecidos de que se tem conhecimento no mundo, inclusive com o uso de fibras sintéticas, a julgar pelo aspecto, preço e durabilidade das novas roupas.

A roupa, em função do clima e da temperatura é a preocupação fundamental dos que atualmente cuidam de modas e vestidos. Os criadores de modas estão arregaçando as mangas e enfrentando a popularidade da nova tendência. O famoso Gor-Ray, por exemplo, lançou no mercado londrino, uma coleção de saias rodadas que também fez rodar as cabecinhas das elegantes súditas da princesa mais famosa deste século.

Mas de tudo isso se conclui que (de certo modo) a influência dos reis, presidentes, ditadores e de suas respectivas famílias sobre seus povos se justifica (em rigor) pelo maior bom-senso e civilização, que sem dúvida, devem ter mais que seus governados.

Na minha opinião a jovem princesa Margaret, tem contribuído mais para a integração do seu povo — tão apegado a tradição — às conveniências da vida moderna do que qualquer reforma de base dos modernos e austeros lordes da Câmara dos Comuns. Mas no Brasil felizmente a moda "guarda-chuva" ainda não pegou.

P. S. Como vocês sabem, hoje estou em Hollywood. Depois eu conto.